



DOCUMENTAÇÃO NARRATIVA DE EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS NA CO(N)FORMAÇÃO DOCENTE EM REDE

DOCUMENTACIÓN NARRATIVA DE EXPERIENCIAS PEDAGÓGICAS EN LA CONFORMACIÓN DEL PROFESORADO EN RED

NARRATIVE DOCUMENTATION OF PEDAGOGICAL EXPERIENCES IN THE NETWORKED TEACHER TRAINING

Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios¹

ARK CAICYT: <http://id.caicyt.gov.ar/ark:/s27187519/dwek57619>

Resumo

Este artigo apresenta o dispositivo epistemo-político-metodológico da Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas-DNEP no movimento de *co(n)formação* docente em redes. Trata-se de um recorte da pesquisa-ação-formação desenvolvida no Brasil, em diálogo com experiências de investigação educativa realizadas na Argentina, a partir do trabalho com a professores/as da Educação Básica que narram saberes pedagógicos construídos no cotidiano das escolas, fortalecendo o movimento de produção de narrativas de (re)existências que atravessam a formação docente. As experiências de *co(n)formação* foram construídas a partir dos princípios e itinerários do dispositivo epistemo-político-metodológico da DNEP apresentadas em relatos e comentários de professoras que compõem o Coletivo Baiano de docentes narradores/as

Palavras-chave: formação docente em rede; educação básica; documentação narrativa de experiências pedagógicas; escola.

Resumen

Este artículo presenta el dispositivo epistemo-político-metodológico de Documentación Narrativa de Experiencias Pedagógicas en el movimiento de *co(n)formación* docente en redes. Se trata de un proyecto de investigación-acción-formación desarrollado en Brasil, en diálogo con experiencias de investigación educativa realizadas en Argentina, a partir del trabajo con docentes de enseñanza primaria que narran saberes pedagógicos construidos en el cotidiano escolar, fortaleciendo el movimiento de producción de narrativas de (re)existencia que atraviesan la formación docente. Las experiencias de *co(n)formación* fueron construidas a partir de los principios e itinerarios del dispositivo epistemo-político-metodológico de la DNEP, presentados en los relatos y comentarios de los profesores que integran el Colectivo Bahia de profesores narradores.

Palabras clave: formación docente en red; educación básica; documentación narrativa de experiencias pedagógicas; escuela.

Abstract

This article presents the epistemo-political-methodological device of Narrative Documentation of Pedagogical Experiences in the movement of teacher *co(n)formation* in networks. It is a research-action-training project developed in Brazil, in dialogue with educational research experiences carried out in Argentina, based on working with primary school teachers who narrate pedagogical knowledge built up in everyday school

life, strengthening the movement to produce narratives of (re)existence that cross teacher training. The co(n)formation experiences were built on the principles and itineraries of the epistemo-political-methodological device of the DNEP, presented in the reports and comments of the teachers who make up the Bahia Collective of teacher narrators.

Keywords: networked teacher training; basic education; narrative documentation of pedagogical experiences; school.

Recepción: 20/09/2023

Evaluación: 16/10/2023

Aceptación: 30/10/2023

Notas introdutórias

Este texto apresenta um recorte da pesquisa *Redes de formação docente latinoamericanas: documentação pedagógica de narrativas de (re)existências no cotidiano das escolas*² que tem por objetivo construir e fortalecer compreensões epistêmico-teórico-metodológicas no campo da formação docente em redes a partir do dispositivo epistemo-político-metodológico da Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas- DNEP. Trata-se de uma pesquisa-ação-formação desenvolvida no Brasil, em diálogo com experiências de investigação educativa realizadas na Argentina, a partir do trabalho com a professoras(as) da Educação Básica que narram saberes pedagógicos construídos no cotidiano das escolas, fortalecendo o movimento de produção de narrativas de (re)existências na relação com a *redes de formação docente*.

Como Benjamin(1995) trata a narrativa na busca de oleiros de cotidianos, este trabalho nasceu de um diálogo entre modos de narrar o cotidiano dos/as docentes da Educação Básica, como um movimento de *co(n)formação* latinoamericanas, cujo objetivo reside em fortalecer o trabalho de redes de docentes e pesquisadores/as da América Latina a partir das experiências pedagógicas no diálogo entre a escola e a universidade, na perspectiva epistêmico-teórica, ética e metodológica das *redes de formação* como espaço narrativo e colaborativo.

No Brasil, vivemos em 2010 - com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID³, vinculado à formação inicial de professores/as - , a primeira experiência que nos moveu em direção da construção colaborativa e *coformativa* entre a escola e a Universidade. Os projetos de pesquisa-ação-formação construídos dialogavam com narrativas de formação⁴ que traduziam um movimento de reflexividade auto/coformativa entre docentes e pesquisadores/as a partir de outros modos de narrar e refetir sobre a docência nos espaços educativos. Nessa época, tratava-se de um movimento que ainda não estava conformado em coletivos e redes ou, pelo menos, não nos reconhecíamos assim. Começamos a trabalhar nessa perspectiva, em 2018, a partir da participação na *Red de Formación Docente y Narrativas Pedagógicas, Red Iberoamericana de maestros y maestras que hacen investigación desde la escuela*, na *Red Formación Docente e Narrativas pedagógicas* e, sobretudo, conhecendo o Movimento Pedagógico Latino-americano.

As *redes de formação* que nos referimos tratam-se de territórios pedagógicos autoformativos (formação de si), coformativos (formação entre pares) e conformativos (formação em coletivos) que mobilizam saberes produzidos nos cotidianos das escolas. Um dos objetivos destas redes é produzir outros modos de formação, de construção de autoria pedagógica e de trabalho coletivo. Ao tratar de redes de formação partimos da

noção de um fazer que entrecruza, transversaliza e horizontaliza distintas formas de conhecer. A metáfora da rede ocupa lugar nesta discussão por entendermos, a partir do pensamento complexo, que ela rompe com a hierarquização e linearidade do conhecimento, destacando-se a partir da auto-organização, dialogicidade, irreversibilidade e do encontro com outros saberes que constituem diferentes existências. “A rede de formação é um território intersticial, espaço de fissuras e interrelações composto não apenas de epistemologias, mas de ontologias e cosmologias acerca das formas de compreender, ser e viver a profissão docente” (Rios, 2021, p.55). Atualmente, no Brasil, constituímos o *Coletivo Brasileiro de Redes de formação a partir da escola*⁵, composto por quatro redes: Rede RIE, Rede FORMAD, Rede CIRANDAR e Redeale que são formadas por coletivos distintos de docentes da educação básica, educadores/as populares e pesquisadoras/as.

Neste estudo, partimos também da compreensão de rede de formação trabalhada por Suárez (2015) que articula a produção de uma outra política de conhecimento construída “mediante la creación de redes descentradas, rizomáticas, flexibles, que operan reticularmente en los bordes de los espacios institucionales [...] y al mismo tiempo estimulan la emergencia de relaciones de saber y poder más horizontales y democráticas en las comunidades de prácticas y discursos” (p.73). Essa compreensão dialoga com a investigação narrativa (auto)biográfica que, nesse caso específico dessa pesquisa-ação-formação, trataremos do dispositivo da Documentação Narrativa de Experiência Pedagógica - DNEP no processo de co(n)formação em rede. A partir dessa experiência e concebendo a narrativa como território de (re)existências docentes fundadora de outros saberes e pedagogias no cotidiano da escola, passamos a construir a proposta de pesquisa-ação-formação com docentes do Ensino Fundamental do Estado da Bahia/Brasil em conformação com o Coletivo Baiano de Docentes Narradores⁶. Relatar as experiências a partir da visibilidade da autoria pedagógica e da construção de *outra política de conhecimento e outras pedagogias* mobilizaram as ações que foram elaboradas para construção do processo formativo.

Ao conceber a formação como experiência, partimos do pressuposto que *a experiência acontece narrativamente* (Clandinin e Conelly, 2008), logo a formação docente torna-se um *território narrativo* a ser documentado, experienciado e conformado. A partir das experiências de co(n)formação entre escola e universidade desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa DIVERSO, apresento a seguir os princípios e itinerários reeditados, a partir do contexto brasileiro, do dispositivo da DNEP, fundamentados nas bases epistemopolítico-metodológica desenvolvidas pela *Red de Formación Docente y Narrativas Pedagógicas*, projeto de extensão da Faculdade de Filosofia e Letras - FILO, da Universidade de Buenos Aires.

Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas: princípios e itinerários co(n)formativos

Relatar experiências tem sido um modo de habitar a profissão docente em diferentes perspectivas de visibilizar os saberes pedagógicos que atravessam a escola, utilizando-se da narrativa como elemento de reposicionamento do/a docente como autor/a. O relato de experiência ganha espaço como potência pedagógica por visibilizar as *artesanias das práticas* (Santos, 2019) construídas no cotidiano das escolas a partir da representação e interpretação do/a docente-narrador/a e seus pares.

O conhecimento artesanal é entendido como a dimensão cognitiva dessas práticas. É um conhecimento performativo, coletivo e produzido através de uma autoridade

partilhada. Na relação construída na pesquisa-formação realizada com a Documentação narrativa partimos da premissa do *pensamento pós-abissal* da diversidade epistemológica do mundo para reconhecer o saber da experiência, tomado aqui como *conhecimento artesanal*, produzido no cotidiano das práticas educativas. Ao narrar as experiências pedagógicas a partir das *artesanias da prática* são tecidos saberes que desvelam outras ontologias nos modos de ser professor/a. Instaura-se um movimento de copresença e copertença nas formas de conhecer o mundo escolar a partir do que é construído nas fissuras do sistema educacional. (Rios, 2021)

Nesse sentido, o dispositivo político-epistêmico-metodológico da DNEP consiste em tornar público sentidos e significados construídos pelos/as docentes no movimento de narrar, ler, reescrever e comentar as experiências vivenciadas na escola, a partir da constituição de coletivos de narradores/as mobilizados/as por uma proposta de trabalho pedagógico colaborativo em rede.

Na história da educação brasileira, observamos várias políticas que impuseram modelos curriculares e formativos pautados na racionalidade técnica e produtivista, a partir de pressupostos teóricos que não dialogavam com a realidade das salas de aula e que vêm negando o espaço de autoria pedagógica aos/às docentes. Nessa direção, buscamos as *fissuras* (Walsh, 2016) para que dentro dessa realidade possam emergir outras formas de fazer-pensar-viver a escola e, conseqüentemente, a formação de professores/as.

Nesta direção, a documentação narrativa constitui-se em uma ação de investigação, formação e indagação pedagógica orientada a questionar o universo escolar, no caso desse estudo, a formação docente, por meio de relatos escritos pelos/as professores/as. Além disso, a proposta constitui-se do formar e formar-se em torno da experiência pedagógica, com o intuito de que os relatos de experiências ganhem status de saber pedagógico. As discussões feitas acerca das investigações com documentação narrativa revelam modos próprios e fecundos de compreensões teórico-metodológicos das experiências educativas como dispositivo de investigação-formação que potencializa a memória e as experiências dos/as docentes, como pudemos perceber nas experiências vivenciadas pelo Grupo de Pesquisa DIVERSO, desde 2015 através da Pesquisa Profissão Docente na Educação Básica da Bahia. Assim, compreendo que a produção da documentação narrativa é uma proposta de trabalho pedagógico colaborativo em rede, uma vez que assenta-se na ideia que:

(...) colectivos articulados en torno de la creación, la conversación y la interpretación pedagógicas pueden pensarse como formas de organizar la investigación, la formación y la intervención que logren escapar a la trama de las verticalidades, homogeneizaciones y reducciones ... También profunzia su sentido disruptivo imaginarla como el entramado, esporádicamente visible, de escritores/as, lectores/as y conversadores/as que producen una interrupción, un hueco, en el espacio cuadrículado y en el tiempo vertiginoso de la máquina escolar. A su vez, esos espacios comunitarios de conversación entre pares pueden ser proyectados como un sujeto pedagógico colectivo plural, de límites difuso, con-formados a partir del intercambio de relatos pedagógicos, la escritura, la lectura, los comentarios cruzados y la deliberación. (Suárez, 2023, p.49)

Nossa primeira reinvenção da DNEP se deu ao pensarmos a proposta do trabalho pedagógico coletivo a partir dos sentidos dos encontros que teríamos com os/as professores/as e com os/as pesquisadores/as envolvidos/as. Ou seja, partimos da premissa que cada encontro co(n)formativo é um *acontecimento* a ser experienciado, narrado por todos/as envolvidos/as no processo formativo. Um encontro com as

histórias mínimas da escola e suas traduções *hermenêuticas da ação pedagógica* (Suárez, 2020) narradas, comentadas, editadas pelo coletivo que ali se constituía entre escola e universidade. Um encontro de circularidades de narrativas e saberes em rodas de conversa que tecem as redes de co(n)formação a partir das *artesanias das práticas*. Esses encontros foram organizados em três momentos: o primeiro nomeamos como *Giros Narrativos* por compreender a virada epistemo-política da narrativa na formação no que se refere ao trabalho com as micro-histórias presentes nas escolas. Além disso, buscamos refletir sobre a experiência como paradigma fundante na documentação narrativa, discutindo os princípios epistemopolíticos e metodológicos da formação, construídos em rodas de conversa, nas quais experiência, narrativa, memória escolar e saberes pedagógicos entrecruzaram-se. Algumas consignas foram mobilizadas para que, individualmente e entre pares, fossem respondidas, inicialmente, a partir de cartas. Entemos que, no primeiro momento, a escrita intimista do gênero epistolar traria mais aproximação do coletivo com a escrita, com a palavra, com a experiência. Rios, Menezes e Nascimento comentam sobre esse momento da formação:

Nesse movimento formativo, fomos estabelecendo conversas, buscando uma proximidade com o outro, com sua experiência pedagógica, privilegiando as relações, aprendizagens que foram estabelecidas nos encontros. Essa proximidade, mesmo nos momentos de distanciamento físico, cada um na sua casa, por meio da tela de um computador ou celular, nos colocou em uma rede de interação dialógica. (Rios, Menezes e Nascimento, 2022, p.62)

O segundo momento - *Tessituras* - constituiu-se como um espaço privilegiado para o trabalho de tecer os relatos em redes de sentidos pedagógicos a partir de leituras entre pares e no coletivo de docentes. Nessa etapa, ocorreu também a *Edição pedagógica* dos relatos que consistiu em comentar as narrativas a partir de núcleos de sentido que foram construídos entre leituras, escritas, reeleituras. As docentes Maria Helena Santos e Edivânia Santos apresentam seus comentários sobre a experiência dessa etapa na construção da DNEP:

A edição pedagógica foi importante como forma de estruturar o conhecimento, saberes, experiências implicadas ao exercício da docência, ao respeito e a responsabilidade mútua. Cuidar de si, cuidar dos outros pares, daquilo que o outro elege como significante para documentar e partilhar, configurava-se como abertura para si e para o outro. Havia em cada relato uma intimidade que estava resguardada pelo coletivo de editores, pelo exercício da ética, do cuidado ético, até que o relato de experiência pedagógico pudesse ser um documento público e circular. (Santos e Santos, 2022, p.105-106)

Comentar a narrativa do outro representou um momento singular na co(n)formação. Os comentários representaram uma virada discursiva pedagógica extremamente relevante, uma vez que o/a docente permitiu *dar-se a ler*. Ler e comentar a experiência entre pares colocou a narrativa em circulação hermenêutica de produção de saberes pedagógicos. Narrar sobre a experiência do outro a partir da experiência de si, do coletivo da escola foi premissa fundante para a reescritura das narrativas. Nesse processo, o/a docente ocupou vários lugares na formação: escritor/a, leitor/a, comentarista, crítico/a, editor/a. Esse processo foi marcado pela pedagogia do cuidado, como nos revela as docentes Santos e Santos:



O respeito e o cuidado também com os comentários eram notáveis, além da importância das partilhas de experiências oriundas do exercício da docência. O movimento do narrar para o outro, entre pares, aquilo que os moviam para serem docentes e como realizavam essa tarefa era o mobilizador da escrita, reverberando sobre o modo como vivem a profissão docente na Educação Básica que foram sendo evidenciados nos encontros formativos. (Santos e Santos, 2022, p.107)

Essa etapa dos comentários, dentro das tessituras demarcou movimentos importantes na vida dos/as docentes. Se colocar no lugar do/a leitor/a, do/a comentarista revelou processos de autoria de um saber que se configura ao escrever comentários para o/a colega sobre um assunto educativo que mobiliza as práticas da escola.

Na turma atual de co(n)formação em rede realizada a partir de relatos de experiências pedagógicas afrocentradas, algumas professoras foram convidadas para uma conversa em nosso Giro Narrativo para que pudessem falar sobre o processo formativo vivenciado a partir da experiência de narrar, comentar, documentar, publicar e publicizar suas experiências, em anos anteriores, a partir e com o Coletivo Baiano de Docentes Narradores/as. Doralice Silva, mulher preta, mãe, professora da educação básica, mestranda em educação das relações raciais relata sua experiência pedagógica vivida no grupo de professores/as do ensino fundamental que narraram suas experiências pedagógicas atravessadas pela diversidade. Ela nos diz:

Outro momento importante desse processo foi quanto um colega lia a nossa narrativa - no processo de escrita - e fazia perguntas, comentários. E como surgiu essa ideia? O que aconteceu antes? Então eu parava para pensar sobre o que escrevi, sobre o que fiz, porque no dia-a-dia da escola nem sempre a gente está refletindo sobre o processo pedagógico, não tem costume de anotar, narrar, pensar sobre o vivido. A gente não senta para colocar o que foi positivo, o que podemos mudar. Eu incluir isso no texto e só consegui fazer porque um colega professor leu e foi me orientando. Foi uma construção coletiva. Assim como eu li o relato de uma colega que foi um texto gigante com dezesseis páginas e fiz meus comentários. Eu achei maravilhosa a proposta dela que seguia o que a escola propôs, mas dentro do que ela acreditava. Me vê nesse lugar de escritora foi muito bom e depois entrar no grupo de comentaristas foi outra experiência riquíssima.

(Doralice, comentário oral apresentado no Giro Narrativo, setembro/2023)

O terceiro momento definido como *Conversatório* se configurou em um espaço em que os documentos pedagógicos produzidos foram apresentados pelos/as próprios/as autores/as à comunidade. Este momento se reveste de uma dinâmica na qual o documento narrativo se consolida como uma narrativa de saberes pedagógicos e torna-se público. Este encontro coletivo, público divulga e amplia as experiências construídas em co(n)formação. As narrativas, nesse momento, foram constituindo uma *Obra pedagógica* (Suaréz, 2022) que faz parte da Coleção de Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas, organizada pelo Grupo de Pesquisa DIVERSO e o Coletivo Baiano de Docentes Narradores/as. Para as docentes narradoras Ana Lúcia Silva e Osvalneide Santos:

O conversatório implica ainda movimento, fala e escuta, conversas partilhadas nas rodas, tecidas nos giros narrativos organizados conforme a similaridade das temáticas dos textos. Durante todas as etapas da formação foi possível vivenciar este movimento de produção e escrita, até mesmo no

Conversatório que foi aberto ao público... Esses momentos ainda se constituíram num movimento riquíssimo de escuta e de troca, onde os/as autores/as das narrativas pedagógicas neste momento já agrupadas por temática puderam apresentar os trechos e aspectos mais relevantes das suas produções, prestigiaram e foram prestigiadas pela escuta da equipe de coordenação da DNEP. (Silva e Santos, 2022, p. 83)

Este itinerário formativo foi construído a partir de princípios fundamentais que sustentaram a produção da DNEP, sendo: horizontalidade e alteridade na construção da formação; construção da autoria pedagógica; legitimação e validação do saber pedagógico entre pares (coformação) e em coletivo (conformação).

A construção da *horizontalizada da formação* tornou-se um grande desafio para escola e universidade. Tal experiência ajudou a entendermos que a proposta repercutia primeiro sobre a condição de autonomia formativa de cada participante do processo. Sentimos que o desafio de construir essa compreensão de horizontalidade no processo formativo é premissa para constituição de um coletivo de professores/as e pesquisadores/as que buscam desenvolver um trabalho co(n)formativo entre escola e universidade. Um aspecto chave da horizontalidade é a construção mútua de conhecimento que, na formação em redes, vai recair na produção de saberes pedagógicos produzidos no cotidiano das escolas, os quais autorizam o/a docente a posicionar-se no discurso educativo como autor/a de sua própria prática. Ao assumir o discurso pedagógico como sujeito socialmente reconhecido na produção do conhecimento escolar, produz outras políticas de conhecimentos e visibiliza outras pedagogias.

O caminhar desse processo nos levou a reconhecer uma segunda premissa fundamental para a realização da ação: a *alteridade*. Convencidos/as de que a formação se faz em um processo coletivo, saber escutar tornou-se para nós tão importante quanto querer narrar. Com os pares fomos narrando, escutando, se reconhecendo na experiência narrada pelo outro. Tomamos consciência de nós mesmos, da própria historicidade, das nossas experiências em que vão se cruzando e atravessando nossa formação e profissão. Destaca-se nesse princípio também a relevância da perspectiva dialógica como a alternância entre o ler-escrever-comentar-reescrever. Parte do princípio de que os sujeitos são permanentemente construídos a partir das relações com os outros. Quando os lugares de narrador e comentaristas são trocados, os movimentos de sentido e a posição ocupada no discurso altera o movimento de produção de saberes. A narrativa pedagógica, por sua natureza política, experiencial formativa e plural se constitui como parte de uma constelação de conhecimentos do cotidiano escolar. Partimos do princípio que a narrativa se instaura na Educação como um ato político, uma vez que os sujeitos se posicionam diante da realidade, do outro e do próprio conteúdo narrado. Assim, os/as docentes constroem narrativamente políticas de sentidos que se assentam em comunidades interpretativas que traduzem saberes e práticas de modo a credibilizar novas inteligibilidades. (Rios, 2021)

Outro princípio que mobilizou a co(n)formação docente pautou-se na construção da *autoria pedagógica*. A autoria foi construída como um movimento de identidades coletivas que vão sendo reconfiguradas narrativamente nos relatos, na visibilidade das (re)existências produzidas pelos/as professores/as. Ao tratar do lugar da documentação narrativa na produção da autoria docente do saber pedagógico, foi possível documentar o não documentado, trazendo à tona a legitimidade dos saberes do cotidiano das escolas. Os/as docentes imprimiram uma outra escrita de si atravessada pela polifonia que,

dialogicamente, compõe a construção do texto/documento. Instaure-se a construção autoral dos saberes instituídos no fazer docente em uma rede colaborativa de produção de experiências pedagógicas editadas e validadas entre pares.

Nesse sentido, o lugar da autoria na construção do protagonismo docente se refletiu como força insurgente na formação. Ou seja, nas (re)existências ao invés de terem autores/as, são autores/as (Rios, 2022). As docentes Maria Helena Santos e Edivânia Santos comentam esse princípio da formação em suas escritas:

Podemos perceber que, ao longo do processo formativo, a autoria pedagógica foi se instaurando em um movimento coletivo, ganhando corpo e forma pela validação de um saber experiencial, pessoal, subjetivo, perpassado pelo crivo crítico e atento da coletividade. Para isso, foi levada em consideração a experiência vivida na escola, sendo colocada em evidência como a expressão do saber pedagógico, constituindo uma outra política de conhecimento que legitima os docentes como autores-atores, protagonistas da vida escolar. (Santos e Santos, 2022, p. 103)

As experiências de autoria pedagógica construídas co(n)formação a partir do trabalho com a DNEP, nas narrativas e/ou comentários, são completamente distintas dos lugares ocupados pelos/as docentes no processo educativo proposto pelas secretarias de educação. São experiências de reconstrução e visibilização do saber pedagógico realizadas em refazimentos políticos, epistemológicos e existenciais. Para Santos (2019), um dos tipos de autoria que representa as *epistemologias do sul* encontra-se fundamentado nos conhecimentos coletivos. “Mesmo pertencendo os conhecimentos coletivos a um dado grupo ou comunidade, há sempre pessoas que os formulam com especial autoridade[...] O conhecimento coletivo exprime-se num tipo de mediação que, longe de ser neutra ou transparente, é um espelho prismático, como um filtro criativo e transformador”. (p.88).

O princípio da autoria pedagógica constitui-se como uma força coletiva que se inscreve nas redes de formação em movimento. Como nos diz Suárez (2007, p.16): “La relevancia que adquiere la documentación narrativa de las propias experiencias escolares por parte de los docentes radica en el enorme potencial que contienen estos relatos pedagógicos, para enseñarnos a interpretar el mundo escolar desde el punto de vista de sus protagonistas”. Entre narrar, ler, comentar, reescrever, publicar e publicizar os documentos narrativos, os/as docentes ocuparam lugares de fronteiras demarcadas pela tradução intercultural de suas próprias experiências. A autoria individual/coletiva foi construída como novas habitações para a profissão docente em que narrar a si, o outro e o coletivo tornaram-se fundamentais para a formação.

Nos diferentes momentos de produção das escritas, nas várias versões, os/as professores/as posicionaram-se como tradutores/as das experiências vividas e narradas pelo coletivo. As traduções foram construídas a partir dos sentidos, problematizados no coletivo de narradores/as a partir das tematizações feitas pelo grupo e, posteriormente, validadas na reconstrução individual e coletiva do documento publicado. No processo de transição do relato ao documento narrativo, houve muitas negociações, disputas de sentidos, narrativas e saberes; processos de conhecimento, autoconhecimento e reconhecimento; visibilidade das inexistências na construção de autorias; construção de políticas de sentido sobre a própria profissão. A docente Doralice comenta sobre o processo de constituição da autoria no trabalho com a DNEP:

Na experiência com o Grupo DIVERSO foi que eu tive a oportunidade de pensar sobre o que faço. ...A atividade que escolhi foi Júlia das pretas foi

programada para dura um mês, mas durou um pouco mais e teve muito sucesso. Nós vimos como é possível e necessário afrocentrizar as nossas ações. Narrar isso como professora foi muito potente, porque me vi no lugar de autora. A nossa história não foi escrita por nós. Hoje não aceitamos mais nada sobre nós, sem nós. Mas a nossa formação foi diferente disso...Em que momento eu fui autorizada a me tornar escritora? Escritora da minha vivência como ser humano em que momento eu chego no lugar de educadora escrevendo como autora minha própria experiência pedagógica. Depois disso, sempre falo na minha escola, a gente precisa escrever o que faz aqui porque temos muitas coisas. Temos que registrar nossa memória. Essa oportunidade de narrar minha prática acabou dividindo um pouco minha experiência como professora porque hoje todo projeto que faço eu já penso que temos que escrever porque isso pode ser documentado e faz parte da nossa memória. (Doralice, comentário oral apresentado no Giro Narrativo, em setembro/2023)

A construção da autoria é fundamental para a legitimação da narrativa docente. Este é um ganho significativo no trabalho com as escritas de narrativas docentes por oportunizar outros modos de produção de saberes pedagógicos, através da reconstrução narrativa da experiência. O relato traduz um gesto de leitura e escritura da realidade escolar a partir de lugares de inscrição e pertencimento do/a docente. Há uma relação entre o biográfico e a *Obra pedagógica*, entre o que o/a docente escreve e a sua história de vida, uma confluência entre modos de viver e seus territórios de (re)existências. A docente traz a toma sentidos construídos sobre os princípios da DNEP e seus itinerários, refletindo sobre como estes/as refletiram sobre sua prática durante o processo de construção da narrativa pedagógica e apresenta os desdobramentos do trabalho na escola, com outros coletivos docentes. A importância da autoria pedagógica no narrar o vivido e construir a educação narrativamente produziu diferentes sentidos para a docente que mobilizou sua escola a pensar sobre estes aspectos, em que os registros documentam experiências, práticas e saberes pedagógicos.

A *legitimação e validação do saber pedagógico entre pares e em coletivo* é um dos princípios fundantes do processo em que a experiência vai se configurando coletivamente em saber pedagógico. Identificar as experiências pedagógicas que atravessam o cotidiano da escola, eleger aquelas que produzem sentidos para prática educativa e tematizar coletivamente a discussão proposta em um movimento de um ciclo *hermenêutico da ação pedagógico* compõem esse princípio que vai sendo implementado no processo de co(n)formação. Sobre este princípio, as docentes Maria Helena Santos e Edivânia Santos comentam que:

Havia um esforço coletivo e colaborativo de indagação para que a experiência pedagógica fosse revelada como um saber pelo próprio professor - enquanto produtor e portador de saberes, de forma que ia se configurando como um corpo político que, nesse processo, colocava-se e imprimia-se como docente-narrador-autor de suas experiências. (Santos e Santos, 2022, p.102)

A legitimação e validação do saber pedagógico construído a partir da Documentação Narrativa de Experiências Pedagógica, em um processo de formação docente em rede horizontalizada, constituem-se como *corpo político* do processo formativo, ou seja, é no coletivo docente que os saberes são legitimados a partir da capacidade que estes possuem de (trans)formação do cotidiano escolar, logo que:

es por esto que la comunidad de pares (trabajadores de la educación) se nos presenta como el colectivo más idóneo para realizar la validación de las producciones en investigación educativa, entendiendo a ésta como un colectivo de sujetos que comparten intereses, perspectivas epistemológicas, modos de significar y trabajar el conocimiento en un campo del saber. (Red DHIE, 2009. p. 111)

Em suma, este foi um recorte das aproximações e aprofundamento epistemo-político-metodológico que estamos realizando no Brasil com a Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas, em redes de formação, ao longo dos últimos anos. Experiência em redes de formação realizada com o Coletivo Baiano de Docentes Narradores/as e o Grupo de Pesquisa DIVERSO - Docência, narrativas e Diversidade na Educação Básica, vinculados a Rede FORMAD.

Considerações finais

Os relatos de experiências do Coletivo Baiano de Docentes Narradores/as revelaram princípios da formação em rede e seu auto/conhecimento como práticas insurgentes e insubmissas de pedagogias decoloniais que mobilizam o interior das escolas no intercâmbio de saberes pedagógicos entre pares e coletivamente.

A partir dos comentários feitos pelos/as docentes podemos perceber que os relatos, dialogicamente, foram reposicionando saberes e práticas entre os/as docentes envolvidos/as. Esse movimento resultou de um processo de formação permanente de insubordinações e de refazimentos políticos, epistemológicos, pedagógicos e existenciais que vêm caracterizando o movimento das redes de formação latino-americanas.

Referências

- Benjamin, W. (1995). *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed., São Paulo: Brasiliense.
- Clandinin, D. J.; Connelly, F.M. (2015). *Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa*. 2ed. Uberlândia: EDUFU.
- Rede DHIE (2009). *Contextos y sujetos en la investigación desde y en la escuela*. Duhalde, M. A. (Coord.). *Investigación educativa y trabajo en red: debates y proyecciones*. 1ª ed. Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y material didático.
- Rios, J. A. V. P. (2016). De aluno a professor: encontros (bio)gráficos com a docência na educação básica. In: Vicentini, P. P.; Cunha, Jorge Luiz da; Cardoso, Lilian Auxiliadora Maciel (Org.). *Experiências formativas e práticas de iniciação à docência*. Curitiba: CRV, p.29-41.
- Rios, J.A.V. P (2020). *Narrativas de experiências pedagógicas: territórios de (re)existências na formação docente*. *Rutas de Formación: prácticas y experiencias*, n. 11, p. 15-24.
- Rios, J.A.V. P (2021). *Profissão docente no ensino fundamental em tempos de pandemia: narrativas em disputa*. In: Rios, J.A.V.P (org.). *Profissão docente em questão!* Salvador: EDUFBA, p. 183-199
- Rios, J. A.V. P.; Nascimento, L. G. M (2022). *Coletivo de docentes narradores(as): O tecer das redes de investigação-formação na escola*. *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 31, n. 66, p. 88-102, abr./jun.
- Rios, J. A. V. P. R. (2022). *Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas: por outros movimentos insubmissos da formação docente na Educação Básica*.

- Coleção Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas, vol. 1. São Carlos: Pedro & João Editores.
- Rios, J.A. V. P., Menezes, G. N. D. e Nascimento, L. G. M. (2022). Entre Giros e Tessituras: mobilizações políticas e epistêmicas da coformação. In: Rios, J. A. V. P. R. Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas: por outros movimentos insubmissos da formação docente na Educação Básica. Coleção Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas, vol. 1. São Carlos: Pedro & João Editores.
- Santos, B. S. (2019) O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Santos, M. H. S. R. e Santos, Edivânia L. (2022). Escritas das narrativas de formação: autoria e coautoria. In: Rios, J. A. V. P. R. Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas: por outros movimentos insubmissos da formação docente na Educação Básica. Coleção Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas, vol. 1. São Carlos: Pedro & João Editores.
- Silva, A. L. G. e Santos, Osvalneide C. (2022) Escuta, escrita e o ethos da confiança entre pares: um mergulho na experiência formativa. In: Rios, J. A. V. P. R. Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas: por outros movimentos insubmissos da formação docente na Educação Básica. Coleção Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas, vol. 1. São Carlos: Pedro & João Editores
- Suárez, D. H (2005). La documentación narrativa de experiencias pedagógicas: una estrategia para la formación de docentes. Buenos Aires: Ministerio de Educación, Ciencia y Tecnología.
- Suárez, D. H (2015). Documentación narrativa e investigación-formación-acción em educación. In: Souza, E. C. (Org.). (Auto)biografias e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação. Salvador: EDUFBA.
- Suárez, D.H. (2022) Comentarios de lectura en conversación con una obra pedagógica. In: Rios, J.A.V.P. (Org). Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas: por outros movimentos insubmissos da formação docente na Educação Básica, vo. 1. São Carlos: Pedro & João, p. 9-20.
- Suárez, D,H (2023). Memoria, transmisión y saber pedagógico. Documentación narrativa de experiencias pedagógicas en el área judaica. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Editora de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires.
- Walsh, C. (2014). Notas pedagógicas desde las grietas decoloniais. Universidad Andina Simón Bolívar: Ecuador.

Notas

¹Doutora em Educação (UFBA). Pós-doutora em Educação (USP/UBA). Professora Titular Plena da Universidade do Estado da Bahia. Professora Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEDUC. Líder do Grupo de Pesquisa DIVERSO/Rede FORMAD. Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: jrrios@uneb.br

²Trata-se de uma pesquisa de pós-doutoramento, vinculado Grupo de Pesquisa *Memoria Docente y Documentación Pedagógica* do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade de Buenos Aires/UBA, sob a supervisão do Prof. Dr. Daniel Hugo Suárez. Esta investigação integra o Projeto de Pesquisa *Redes de investigación docente na escola e na universidad: procesos de documentación narrativa de experiencias pedagógicas inovadoras*, aprovado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, através da Chamada CNPq Nº 26/2021–Apoio à Pesquisa Científica, Tecnológica e de Inovação: Bolsas no Exterior, que visa fortalecer o processo de consolidação de redes na internacionalização das pesquisas e intervenções em Educação.



³O PIBID é um dos programas de formação de professores/as, criado no contexto da Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica, através do Decreto nº 6755/2009, Portaria nº 7.219/2010.

⁴A narrativa de formação é considerada como um dispositivo de investigação-formação utilizando-se da experiência como produtora de sentidos e estéticas sobre/da formação (Rios, 2016)

⁵As redes de investigação-formação docente contextualizadas nessa proposta de pesquisa integram e socializam suas investigações nos Encuentros Iberoamericanos de Colectivos Escolares y Redes de Maestros/as que hacen investigación e innovación desde La Escuela. Desse modo, os coletivos da América Latina e Espanha organizam-se em um conjunto de redes, e se articulam e se encontram na Red Iberoamericana de Colectivos Escolares y Redes de Maestros/ as que Hacen Investigación y Innovación desde la Escuela y Comunidad, que se reúne a cada três anos para discutir e socializar experiências.

⁶Coletivo de investigação-formação na escola, criado em 2018, a partir do Projeto de extensão do Observatório da Profissão docente desenvolvido pelo Grupo DIVERSO - Docência, Narrativas e Diversidade na Educação Básica, da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, como parte da Pesquisa Profissão Docente na Educação Básica da Bahia. Este coletivo encontra-se vinculado à Rede FORMAD -Rede de Formação docente: narrativas e experiências.